

{ ‘ FDB } Futebol de Bolso

ANO I

DEZESSEIS CRÔNICAS

2011 / 2012

FDB / ANO I

**DEZESSEIS CRÔNICAS
2011/2012**

**Recife - PE / Brasil
2013**

CRÉDITOS

Organização / Edição / Revisão

Rodrigo Édipo

Identidade Visual

Raul Luna

Diagramação

Bruna Roazzi

Autores

Carlos Gomes

Fabio Liberal

Felipe Vieira

Mauricio Targino

Missionário José

Paulo de Oliveira

Quéops Negronski

Rafael Borges

Rodrigo Édipo

Romero Maia

Yuri Ribeiro

Realização

Futebol de Bolso

CONTATO

ediporodrigo@gmail.com
@edipo

futeboldebolso@gmail.com
@fdb_futebol

+55 (81) 9192-5581

SUMÁRIO

	Prefácio	5
#1	O Irmão de Raí <i>Por Rodrigo Édipo</i>	6
#2	Pelada <i>Por Romero Maia</i>	7
#3	O Futebol dos meus sonhos <i>Por Felipe Vieira</i>	8
#4	Hernanes de confiança (In Hernanes we trust) <i>Por Carlos Gomes</i>	10
#5	Quatro linhas, dodecassílabas <i>Por Missionário José</i>	12
#6	Oba! A aula acabou <i>Por Rodrigo Édipo</i>	15
#7	No Brasil não dá, Neymar <i>Por Yuri Ribeiro</i>	17
#8	La Siesta <i>Por Carlos Gomes</i>	19
#9	Sísifo de Luvas <i>Por Mauricio Targino</i>	21
#10	Amor de Longe <i>Por Quéops Negronski</i>	23
#11	Doutor Plínio evoca o vôo de Lévy <i>Por Fabio Liberal</i>	25
#12	Jornalismo esportivo e a síndrome do pânico <i>Por Rodrigo Édipo & Yuri Ribeiro</i>	27
#13	A arte do não movimento <i>Por Paulo de Oliveira</i>	29
#14	O Santos de Neymar acabou <i>Por Rafael Borges</i>	31
#15	O Adeus à segunda casa <i>Por Yuri Ribeiro</i>	33
#16	Messi, o garoto-estatística <i>Por Paulo de Oliveira</i>	35

PREFÁCIO

(...) perdão aos meus conterrâneos do **Futebol de Bolso**, mas com este conteúdo aqui vocês não vão a lugar nenhum. As 16 crônicas desta publicação não me dizem absolutamente nada. São de uma imaturidade intelectual catastrófica! Uma ignorância enciclopédica. Digna da mediocridade dos cretinos fundamentais!

Amigos do **FDB**, vocês são uns idiotas da objetividade igual a todos que trabalham na mídia esportiva atualmente. Isso é ridículo! Cretinos fundamentais como vocês não enxergam que em todo fato existe uma aura pronta para ser observada e regurgitada. Olha isso aqui (levanta um jornal que está esparramado no centro da sala com a manchete “Fred marca dois e tricolor confirma liderança em Fla x Flu sonolento”).

O repórter que contou a história desse jogo é uma verdadeira anta, não derramou um pinga de lágrima ou de sangue sobre a majestosa vitória do Fluminense no Maracanã. E não é por conta de ser o Fluminense que estou falando isso. Poderia ser qualquer outro time. A verdade é que essa objetividade com os fatos é monstruosa e alienada. As duas coisas parecem não ter conexão alguma: o fato e a cobertura jornalística.

Uma nação inteira a se desgrenhar, a chorar lágrimas de pedra ou de jasmim sobre o fato... e a reportagem, sem entranhas, sem alma, sem a fricção da epiderme, ignora a pavorosa emoção do torcedor destas duas equipes. Gols, passes certos, errados, quem foi expulso, quem não foi... isso não importa. Na velha imprensa, as manchetes choravam com o leitor.

Jovens do **Futebol de Bolso**, peço-lhes um favor, dilacerem o tom informativo e a desumanização da manchete jornalística. Lembrem-se que o pior cego é o míope. E pior do que o míope é o que enxerga bem, mas não entende o que enxerga. Há pessoas, sobretudo, jornalistas esportivos, que não têm inteligência visual. Dou outra dica a vocês: Que se danem os fatos! Escreva mais sobre a paixão no futebol. Os fatos e o videoteipe são burros. Não tenham medo do ridículo. Só os imbecis têm. Não há amor sem um toque de ridículo.

Conterrâneos do **FDB**, envelheçam e serão respeitados (...) ❹

O IRMÃO DE RAÍ

Por Rodrigo Édipo

Eu “conheci” Sócrates como o irmão de Raí. Era 1992 e o time do São Paulo virou uma febre nacional com os mais novos. Algo como acontece com o Santos de Neymar hoje.

Na época, eu tinha incompletos 10 anos de vida, e o time de Telê Santana era sinônimo de vitória e, principalmente depois de Tóquio, orgulho nacional. Raí, então, virou um ídolo incontestável para mim. Ainda muito novo, não tinha certezas a respeito de futebol, ao menos uma: Ali estava o melhor jogador do mundo!

Naquela idade ainda não tinha visto — apesar de contemporâneo — Maradona jogar. Muito menos Zico e toda aquela geração que perdeu a Copa do mundo 10 anos antes. Então, tudo era de “ouvir falar.” A propósito, até hoje.

Não lembro o dia exatamente, mas ao descobrir que o tal “irmão de Raí” fazia parte daquele tão incensado escrete de 1982, fiquei intrigado. E no auge da minha idolatria pelo camisa 10 são paulino (leia-se antes da Copa de 94), assistindo a uma partida de futebol qualquer com o meu oráculo para assuntos futebolísticos, pergunto:
- Pai! Sócrates era melhor que Raí?

Meu pai me olhou e sorriu com deboche.

A partir desse dia, o até então incomparável ídolo Raí, virou para sempre “o irmão de Sócrates”.👊

04/12/11

PELADA

Por Romero Maia

Fim de tarde. Sob os pés, o chão ainda quente. Sobre os pés, corpos obedientes. Sob o sol, pés intermitentes se deixam levar. De leve. Não há mãos, nem para pôr na consciência. A pé, rumo ao largo, a passos largos.

Há poucas nuvens no litoral. Vem muita luz mas faz pouco calor. Venta. Tem-se pressa. Vê-se pedras, cocos e tijolos. Pés em círculo. Pés de coelho. Alea jacta est. Equipes equiparadas e pés a postos. Vai dar pé.

Dá-se o pontapé inicial. Os pés correm. Contorcem-se, tocam-se, sujos se cortam e tremem. Um erro, a unha. Dois, o dedão. Calos fazem pés benodátiles. O perronha, com suas reclamações pedológicas, ouve réplicas pedantes.

Pegadas vermelhas. Pés de atletas. Alerta podológico. E tome chute de canhota. Vai no cantinho. Mãos, só para abraços. Nunca foram tão pouco perigosas. Escurece aos poucos. Ficam pra trás rastros de pés marcados. E ainda de pé, agora vão embora mais devagar. Pesados. ♣

06/01/12

O FUTEBOL DOS MEUS SONHOS

Por Felipe Vieira

No futebol dos meus sonhos existe o centroavante a envergar sua camisa 9. Não é que ele não precise ter categoria e classe: ele simplesmente NÃO PODE tê-los, ou não seria um centroavante. Ele precisa ser alto e desengonçado quando tenta conduzir a bola, para escárnio dos meias cerebrais. Mas precisa saber colocá-la para dentro de todas as formas, principalmente entrando junto com ela e com o zagueiro adversário, para delírio de todos.

No futebol dos meus sonhos existem pontas. Na direta, o camisa 7. Na esquerda, o 11. Eles precisam ter estatura mediana ou até mesmo serem baixinhos. Não precisam jogar em outro setor do campo. Seu ofício resume-se a driblar o lateral, ir à linha de fundo e cruzar. Ah, pode chutar em gol sim (quem só precisa cruzar são os laterais).

Um ponta precisa ser caçado em campo, ou não é ponta, e sim “quarto homem do meio-de-campo”. No futebol dos meus sonhos é proibido dar a camisa 10 para um perna-de-pau qualquer. Ou o sujeito é craque ou simplesmente dêem a ele a 12, a 37, a 521, ou qualquer outra. Nunca a 10 dos maestros. Mais respeito com o timoneiro, o general, o CEO, aquele que pensa a organização e a coloca para funcionar. Não coloquem um zé ruela qualquer na cadeira, por favor.

No futebol dos meus sonhos existe um coadjuvante de luxo para que o camisa 10 brilhe: é o camisa 8, o meia-direita. No futebol dos meus sonhos sempre há por trás de um grande camisa 10 um grande camisa 8. Zico seria menos Zico sem Adílio.

No futebol dos meus sonhos não existe “volante”: existe o “cabeça-de-área” que enverga a camisa 5. E a exemplo do centroavante, é condição sine qua non para o bom exercício da função que o sujeito seja meio rude e avesso a carinhos (não a “carrinhos”, companheiros fiéis de profissão).

Toque de classe é para os camisas 8 e 10. O cabeça-de-área deve proteger a zaga sozinho como um animal protege a cria do ataque de predadores. Eu disse “sozinho”. Hoje em dia coloca-se vários deles para lutar contra inimigos imaginários que jamais chegam à área. Quem mandou não ser o futebol dos meus sonhos?

No futebol dos meus sonhos não existem “alas”, e sim laterais. O direito com a camisa 2, o esquerdo com a 6 (em algumas equipes com a 4). Eles são bons quando conseguem exercer pelo menos uma das seguintes funções: marcar o ponta adversário e cruzar bem. Quando conseguem fazer as duas são gênios. Quando não conseguem dar cabo de nenhuma, se limitando apenas a correr feito loucos de uma linha de fundo à outra são...alas.

No futebol dos meus sonhos os zagueiros vestem 3 e 4 (3 e 6 em alguns times). Eles não falam “pelos” cotovelos, e sim “com” os cotovelos além, claro, de proferirem algumas palavras com as solas das chuteiras. Os interlocutores são as cabeças e canelas dos atacantes em conversas rápidas dentro da área antes que escanteios e faltas sejam cobrados.

No futebol dos meus sonhos, perdoem-me pelo surradíssimo clichê, não existe grama embaixo das traves. Goleiro é goleiro em qualquer época, veste a camisa 1, tenta impedir a bola de entrar no gol e pronto.

No futebol dos meus sonhos não existe “treinador” e sim Telê Santana. ♣

HERNANES DE CONFIANÇA (IN HERNANES WE TRUST)

Por Carlos Gomes

Todo treinador de futebol tem um homem de confiança. Nem sempre, ou melhor, quase sempre esse jogador não é considerado o craque do time. No entanto, a sua função – seja taticamente no time ou como liderança perante os outros jogadores, ou seja, a voz do treinador dentro de campo – é de extrema importância. Não o vemos, mas ele está lá, à sombra dos outros, como espinha dorsal.

Historicamente, zagueiros e volantes marcadores têm assumido essa função. Com suas vozes imponentes, seus braços e gestos imitando dentro das quatro linhas o que o chefe faz à margem delas.

No Barcelona, por exemplo, o técnico Guardiola já deu inúmeras declarações afirmando que o meio campo Sergio Busquets, menos badalado e lembrado em listas dos melhores que os seus parceiros de meia, Xavi e Iniesta, é o melhor jogador do Barça. Se pudesse nascer novamente, queria nascer Busquets, em suma, Ele é o seu homem de confiança.

Quem assume tal função na seleção brasileira, ainda capengando em uma e outra formação ou em nenhuma e nem outra formação? Lucas? Volante marcador? Neymar, o jovem e exaltado craque do presente futuro? Não sei quanto a Mano Menezes. Hernanes, no meu time, é a espinha dorsal, meu jogador de confiança.

Ambidestro – desafio aos leitores a destacarem um jogador, de qualquer época, que cobrava faltas, escanteios e ainda executava lançamentos mais longos usando ambas as pernas –, veloz na medida certa, cerebral taticamente, polivalente, pois tanto pode atuar como volante como, dependendo da necessidade da partida, mais avançado. Os inúmeros gols pelo Lazio revelam essa capacidade.

Na sua primeira convocação, Mano Menezes bradou com rispidez: Volante! Ao anunciar o jogador camisa 8 do Lazio. Tempos depois, não menos ríspido, Hernanes acertou um chute no adversário e foi expulso contra a França. Mano ficou com um pé atrás.

Na última partida, Hernanes atuou avançado, já que o treinador não tinha (tem, terá) Kaká? Não tinha (tem, terá) Ronaldinho Gaúcho? Ganso? Outra incógnita para a meia-ofensiva. Hernanes, escalado em função mais adiantada, perdeu um gol na cara do goleiro, mas se refez do erro e marcou um gol como um atacante oportunista. Mostrou mais uma de suas mil caras.

O ex-São Paulino tem que ser o jogador responsável por fazer a bola chegar redonda e macia para os meias mais ofensivos e para os atacantes. Também, vez ou outra, avançar, ser o homem surpresa, e tabelar rumo ao gol, pois o chute é uma de suas melhores qualidades. Nem será o camisa 5 fixo, nem o 10 maestro, o 8, equilíbrio entre um e outro.

A imprensa esportiva sempre cobrou pela convocação de Hernanes, mas não parece saber cobrar por sua titularidade. Prefere discutir sobre a faixa etária de alguns nomes consagrados. Oscar, do Internacional, parece assumir hoje, o papel que era de Hernanes. O de jogador ultra-talentoso que não é convocado com frequência, ou muitos menos tem a confiança do treinador. ❹

QUATRO LINHAS, DODECASSÍLABAS

Por Missionário José

O brasileiro, mesmo o skinhead mais tacanho que trabalha como desenvolvedor de sistemas numa pacata cidade no interior do Paraná, não escapa de ser mestiço. E essa é a sua maior vantagem, a lambuja genética e cultural que pode ajudá-lo a fazer uma diferença nesse mundo. Produzindo misturas improváveis de etnia e saber, definitivamente estamos propondo soluções para um mundo melhor, veja lá que o Brasil por exemplo é um dos poucos países do mundo que produzem japonesas gostosas, e também craques da bola de ambos os sexos e em todas as cores.

Eu particularmente sou uma mistura única de povos cuja notoriedade não foi exatamente alcançada pelo futebol, como portugueses, escoceses e outros fugitivos — até uma bisavó irlandesa com quem compartilho a destreza no halterocopismo — incluindo-se aí índios paraenses, sendo que não da mesma tribo dos avós do Paulo Henrique Ganso. Mas sendo brasileiro — e fiel à hipótese do meu texto anterior - não escapo do futebol, e nem da sua associação deste com a música, outra característica que nós importamos dos ingleses e cuidamos de melhorar.

Na Inglaterra existem casos famosos como o do baixista Steve Harris, o principal motivo do West Ham ser conhecido fora de Londres, e uma estranha coincidência entre bandas boas de Manchester e torcedores do Manchester City, observada no Joy Division, The Fall, The Smiths, Stone Roses e mais notadamente no Oasis, o que não é difícil, porque ninguém em Manchester torce pelo United mesmo.

No entanto, alguém aí sabe dizer, sem olhar no Google, pra qual time algum dos Beatles torcia? Por lá também ninguém sabe. Abrindo um aparte curioso na temática Liverpool, Felipe Vieira certa vez me mostrou uma foto do The La's em que aquele camaradinho sarará enverga uma camisa do Sport — talvez ele ainda tenha essa revista em casa pra provar.

Por outro lado, eu não me lembro de nenhum jogador de futebol inglês se arriscando a cantar, mas exemplos devem existir para comprovar internacionalmente a tese do meu conterrâneo Benito Di Paula. Os ingleses misturam sim música e futebol, mas à maneira deles.

Já a nossa maneira, naturalmente, tende ao exagero. Existe hoje em dia uma série de discussões, congressos e outros eventos sobre o tema da “Música Ubíqua”, inclusive o III UbiMus, que acontece na USP, se avizinha. Para o brasileiro isso nunca foi novidade, somos uma turma notadamente afeita à música, para o bem e para o mal, e fazemos e usamos música para tudo, do batuque na cozinha até o “polícia, polícia, assim você me mata...” cantado nos protestos recentes debaixo de cacete e spray de pimenta. Fred Figner, o homem que deu origem ao nosso mercado fonográfico, veio bater no Brasil porque lhe disseram que por aqui música era “de baciada”, e música ubíqua no país do futebol ubíquo só pode resultar em uma associação constante e íntima. E dá muito mais do que samba.

Começando pela ligação natural entre Futebol e Heavy Metal — título de uma música do Aristóteles de Ananias Jr. chamada “Futebol Metal” — nossos metaleiros tendem mais ao futebol do que os outros, com uma grande incidência de Corintianos, e há quem diga que o show do Iron Maiden em Recife não deu tanta gente só porque foi no Jóquei Clube. De gosto (musical) ligeiramente duvidoso, o Dr. Sin emplacou o hit “Futebol, Mulher & Rock’n’Roll” abraçados ao genial Sílvio Luiz e lembrando da associação também inevitável com a nossa outra paixão nacional — sendo essa uma área em que os ingleses levam de nós o maior chocolate jamais achocolatado entre duas nações.

Poucos clubes do mundo tem hinos compostos com a maestria daqueles feitos pelo Lamartine Babo para os times do Rio, que a gente canta mesmo torcendo contra. E puxando a brasa, só mesmo a paixão pela música para fazer o grito de guerra de um time rival virar um Frevo, cujo nome eu nem preciso dizer.

O Skank ganhou o Brasil nos anos 90 a bordo de um dancehall mestiço vestindo paramentos de futebolista, pra não falar da canção sobre o tema que tocou até em Bar Mitzvah, e cujo videoclip encenou uma partida entre craques da música em pleno Mineirão, antes de um Cruzeiro x Atlético Mineiro.

Aonde mais no mundo isso aconteceria?

Um evento midiático semelhante aconteceu em 82 no maior do mundo, Ariola x Suderj, para lançar a gravadora em cujo time jogavam Djavan, o MPB4, Arnaud Rodrigues, Jorge Ben, Moraes Moreira Gonzaguinha, Paulinho da Viola e o pentacampeão mundial das peladas midiáticas, Chico Buarque. Esse evento foi idealizado pelo diretor da gravadora, Mazzola, lendário produtor musical brasileiro cujo apelido veio adivinhem de onde? Ganha uma camisa da seleção autografada do Júnior, quem acertar. Ou um compacto de “Voa Canarinho”.

Dado que eu lanço aqui um desafio aos meus leitores. Encontrar algum gênero, ou subgênero, da música brasileira que NÃO faça referência ALGUMA ao futebol. Impossível. O Côco, mais do que um gênero um verdadeiro arcabouço dos ritmos do Nordeste e Sudeste, apresenta sem muita pesquisa duas obras-primas: “1x1” de Jackson do Pandeiro, e “Meu Time” de Siba e Fuloresta. Na música do Rio Grande do Sul nem se fala, e por lá o processo se inverte: a Geral do Grêmio adotou entre seus hinos o clássico “Amigo Punk” da Graforrêia Xilarmônica, tanto que aparece na internet atribuída à Geral, e não à GX. Além do fenômeno curiosíssimo de irmãos músicos torcerem para times rivais, como é o caso do Kleiton & Kledir e dos irmãos Alexandre Ograndi & Marcelo Birck. Portanto está lançado o desafio.

E pra provar que a tarefa é difícil segue um dos melhores, e mais improváveis exemplos: Santos Football Music, do grande Gilberto Mendes.

Até a próxima. ♣

01/04/12

OBA! A AULA ACABOU

Por Rodrigo Édipo

A aula durou muito tempo, se não me engano uns três anos. O começo de tudo foi como um tapa na cara, o conteúdo já chegou pronto e de forma inebriante. Nós, alunos, nos enveredamos em uma narcose coletiva.

O professor logo virou referência. A aula se tornou disputadíssima, todos queriam assistí-la, porém toda ela tem seu fim. E isso é bom e ruim. Como ousaram desenvolver um modelo de ensino tão edificante e sem brechas? Aos críticos, um lamento! Aos copiões, boa sorte! Não vai ser nada fácil.

Esses tais gênios da raça, de sotaque geograficamente autônomo, criaram a pré-história de um futuro próximo. Já podemos observar os efeitos aqui e acolá. A tal metodologia revolucionária influenciou o mundo todo. Principalmente nós brasileiros, o povo mais gente boa do mundo, que tivemos o privilégio de assistir a uma aula particular ministrada — dezembro passado — lá no Japão. “Més” que uma aula!

Mas a questão é que, como acontece com tudo que se prolonga demais, o prazer vai se esgotando. Repito, três anos de overdose pedagógica, sem tirar de dentro. Nada surpreendia mais, por muito tempo não acontecia nada de novo, era o mesmo de sempre. Início, meio e fim. Igual a filme manjado.

Os alunos dormiam em plena performance do professor. O ronco coletivo virou uma sinfonia visceralmente entranhada no eterno e sonolento “tica, taca”, também conhecido como “tik, taka”. O professor ainda era o mesmo, mas os pupilos não. Simetria, limpidez e perfeição já não agradavam mais.

A arte se transformou em pragmatismo mecânico. Naquele momento, nosso maior desejo era de sentir outra vez a saborosa imprevisibilidade perdida. A adrenalina estava estancada fazia tempo.

#6

Por sorte (ou infelizmente), a plasticidade banalizou e o robô sem alma implodiu. Nada mais era espetáculo e sim um eterno cumprir tabela.

E por falar em tabela....

(...) tica, taca, tica, taca,tica, taca,tica, taca,tica, taca,tica, taca, tica (...)

Triiiiiim! Acorda e limpa a baba pra responder a chamada. A aula finalmente acabou!

Valeu professor, chegou a hora de reciclar. ♣

25/04/12

NO BRASIL NÃO DÁ, NEYMAR

Por Yuri Ribeiro

Neymar é craque. Isso não se discute. Mas existe uma grande quantidade de pessoas, principalmente com bastante influência sobre as pessoas, que querem [ou devem] fazer de Neymar algo muito maior do que ele realmente é. Compará-lo a Messi é algo bem idiota. Afimar que ele é melhor, então, é algo bem Pelé.

Existe um interesse muito maior em criar uma imagem de que Neymar é um dos melhores do mundo, afinal ele vende muito. Talvez nesse quesito, ele realmente seja o melhor jogador da face da terra. Enquanto ele estiver jogando no Brasil, talvez seja a única coisa em que possa destacá-lo no futebol mundial.

Em algumas oportunidades ficou claro que o atacante santista tem lá suas limitações e dificuldades. Nos dois últimos jogos do Santos pela Libertadores, contra o Vélez, Neymar recebeu uma marcação um pouco mais forte e nada produziu. Nesses dois últimos amistosos pela Seleção, idem. E olhe que os argentinos nem deram essa atenção toda.

É aí que defendo a exportação dele. Lá fora, na Europa mais especificamente, ele vai crescer, se deparar com diferentes tipos de marcações e marcadores, e viver mais como jogador e não como popstar. Por mais que o futebol nacional tenha evoluído e repatriado craques, o nível de profissionalismo aqui ainda não supera o europeu. Aqui os caras dividem o gramado com palcos e auditórios.

E todas essas pessoas que exaltam Neymar, sabem que ele não está entre os tops do mundo. Mas enganam o público e o próprio jogador quando criam expectativa de que ele estará entre os três finalistas da Bola de Ouro. Ele não esteve, pois jogando no Brasil fica difícil de avaliar.

#7

Sim, mesmo com uma Libertadores, fica complicado disputar com quem joga a Champions League, por exemplo.

A partir do momento em que ele for embora e mantiver o nível de atuação que tem no Brasil, somado ao crescimento profissional e principalmente pessoal, ele vai chegar ao topo. Estão prendendo o cara aqui com olho grande na grana que ele faz com publicidade. Beleza que tem que aproveitar, mas ele só tem 20 anos e ainda vai ter muito tempo para fazer disso uma prioridade na carreira. É só seguir o exemplo de Ronaldo.

Creio que Neymar já começou a sentir isso. O jogo contra o Barcelona e esse último contra a Argentina, com dois shows de Messi, devem ter pesado bastante. Ele deve ter visto que ficar aqui não vai alavancar a carreira ao nível do pibe.

Enquanto isso, só vai restar a ele pagar de fã e pedir [sem ganhar] a camisa do verdadeiro melhor do mundo e dançar um pouco de tchu tcha pra galera. 6

12/06/12

LA SIESTA

Por Carlos Gomes

A seleção espanhola venceu a Eurocopa. Inimagináveis 4 x 0 na seleção italiana. É bicampeã dois anos depois de ter conquistado o inédito título da Copa do Mundo, em 2010. No entanto, cresce o número de torcedores e críticos de futebol que consideram o futebol praticado pela turma de Iniesta, Xavi, Xabi Alonso e Casillas, digno de uma boa siesta espanhola. Pragmático, chato, aborrecido, sonolento. São alguns dos adjetivos que em nada combinarão com os que serão estampados amanhã nas capas dos principais jornais do mundo.

Por ter vencido a Copa de 2010, já tinha garantido a sua vaga na Copa das Confederações do Brasil, em 2013. Mais especificamente, como vem divulgando a imprensa pernambucana, certamente jogará na Arena Pernambuco.

A Itália venceu a sua Eurocopa quando derrotou a seleção alemã nas semifinais, com uma ótima atuação de Pirlo e Balotelli, mas, sobretudo, pelo espírito de equipe que demonstrou durante toda a partida. O feito pareceu tão grande, já que boa parte da imprensa tinha na Alemanha a sua equipe favorita, pondo em xeque às atuações da Espanha, e bradando: Isso sim é futebol!

A Itália se agigantou frente à apatia alemã e chegou à final querendo surpreender mais uma vez. Por ter chegado à final, também garantiu vaga na Copa das Confederações, terá um ano para se preparar. Se conseguir manter o meio campo Pirlo e o atacante Balotelli em ótimas condições de jogo, terá dado um grande passo para a montagem de uma boa equipe (o primeiro jogador preocupa por conta do preparo físico, pois já terá passado dos 34 anos de idade, o segundo pelo temperamento desmedido, ótimo para criar polêmicas, nem tanto para gols).

O estilo de jogo e a emoção que os torcedores têm quando assistem aos jogos da Espanha podem ser comparados às das partidas de xadrez. A alteração de ânimo se dá pelo mínimo. Casa a casa, peça a peça.

Conquista de territórios, domínio do adversário, mesmo quando todas as peças ainda estão postas sobre a mesa. A primeira jogada (muitas vezes) já define o andamento que o jogo terá. Foi mais ou menos isso que aconteceu na partida final da Euro, em Kiev, na Ucrânia. Quando Iniesta, Xavi, David Silva e Fàbregas trocaram a multidão de passes para os lados por um número maior de triangulações e, principalmente, de chutes a gol.

A estratégia de jogo da Espanha estava pondo à prova a capacidade defensiva e de contra-ataques da Itália, comandada pelo técnico Cesare Prandelli, que foi responsável por dar uma nova cara ao mesmo grupo de jogadores que tinha em mãos. Já o treinado espanhol, Vicente Del Bosque, por conta da ausência de Davi Villa (seu melhor atacante), insistiu numa impensável formação sem atacantes de ofício. Deu certo.

Talvez a melhor forma de assistir aos jogos da Espanha seja com uma câmera que mostre a visão panorâmica do jogo. A visão das arquibancadas superiores dos estádios é a que melhor pode traduzir a maneira inovadora de praticar futebol desse grupo de jogadores.

No entanto, tendo a concordar muitas vezes que esse futebol praticado causa uma emoção que boceja; mas se sentimos tédio ou sono assistindo as partidas da Espanha, talvez seja a nossa visão sobre o futebol que tenha que se modificar, procurar novos ângulos, novas maneiras de sentir prazer.

Há muito prazer para além do gol, do xeque-mate. Hoje, foram quatro xeques numa mesma partida. Pode isso, Arnaldo? ♣

SÍSIFO DE LUVAS

Por Mauricio Targino

Passar a eternidade empurrando uma pedra gigantesca montanha acima e ao chegar lá ao fim do dia, ela despencar ladeira abaixo e ter de ir buscar e começar tudo de novo no dia seguinte. Troque a mitologia grega pelo futebol, a pedra por uma bola, a montanha por uma trave, o dia por 90 minutos e o nome do personagem para Magrão.

O que este sujeito fez na partida contra o São Paulo foi algo no limite entre a realidade e o delírio. Aos 15 minutos de jogo, ele já tinha feito duas defesas impossíveis, que pareceram encorajar o restante do time a até equilibrar o jogo. No intervalo, a esperança de que finalmente o Sport poderia conseguir algo diferente de derrota para o Santa Cruz com grife em jogos na capital paulista.

Intervalo, a primeira tristeza: no Morumbi toca rock quando o time da casa entra em campo. E no intervalo também. Rock n' Roll. Lembro da Ilha, onde toca pagodinho de corno, onde toca "Ai, ai, ai, ai, ai, ai, assim você mata o papai." Será possível que ninguém se deu conta que um dos apelidos do Sport é Papai da Cidade?

Na etapa final, a coisa ficou ainda mais complicada, mas Magrão estava lá, defendendo bola de tudo quanto é jeito, de direita, de canhota, de cabeça, do jeito que tentassem ele estava lá. Nível "se goleiro tem sinônimo, é Magrão.". Mas caía o frio e chuvoso início da noite, a hora que Sísifo chega ao alto da montanha, no rebote de uma outra defesa impossível, gol do São Paulo.

A pedra cai. A bola balança a rede. Uma das maiores atuações de um goleiro na história do futebol cai por terra aos 33 minutos do segundo tempo. 15 jogos em São Paulo contra eles, 15 derrotas. Mas ainda haviam 12 minutos e acréscimos. Não, não haviam. Mas esta não foi a segunda tristeza.

Esta estava reservada para a saída da arquibancada. Me deparo com o pai de Magrão, que já conhecia dos negros tempos da Segundona, em estádios de acesso mais fácil à saída dos vestiários.

“Sacanagem fizeram com teu filho, hein?”, digo-lhe.

“Pois é...”

Doeu. Muito.

E seguiu-se um curto debate técnico e tático com ênfase em um certo zagueiro que substituiu um meia inútil para reforçar a defesa e foi o grande responsável pela jogada que resultou no gol. Por coincidência, ex-atleta do adversário. Sem citar nomes.

Porque se é pra citar um nome nesse texto, é o de Magrão. 6

05/08/12

AMOR DE LONGE

Por Quéops Negronski

Eu adoro futebol. Eu odeio futebol. A segunda afirmação é mais frequente. Vejo jogos do meu time via televisão de vez em quando e há muito tempo não engulo as iscas das chamadas Copas do Mundo. Da última vez que tentei, dormi em pleno embate da Seleção Canarinho, embasbacando amigos cariocas que não acreditavam no que viam e — a partir desse episódio — desisti por completo.

Nunca fui a campo, a não ser o que ficava perto de minha casa, campo clássico de subúrbio que qualquer chuva deixava a meninada na dúvida entre brincar de pólo aquático ou de bola e que desde cedo me ensinou que quem não gosta de futebol dificilmente se dá bem ali.

Confesso que insisti, afinal, era o que os meus amigos faziam todos os dias, mas no final, por conta de pedidos veementes desses mesmos amigos, quando eles estavam jogando eu ficava em casa lendo gibi, só deixando pra estar com eles nas brincadeiras que hoje em dia parecem esquecidas [futebol de botão, entre elas] e nas idas ao cinema.

Mas de vez em quando eu saio desse sério e me vejo renovando uma aliança criada há mais de trinta anos, quando o meu pai, torcedor do Santa Cruz, me mostrou os símbolos dos três maiores times de Pernambuco e me mandou escolher um deles pra torcer. Sempre tive medo de cobras e não fui com a cara do símbolo alvirrubro. O rei das selvas, animal inexis-tente na fauna local, embelezava o terceiro desenho. Virei rubro-negro.

Lembro bem da cara de desgosto do meu pai e por desgosto entenda d-e-s-g-o-s-t-o, mesmo. O coitado ainda tentou me convencer de que o Santa Cruz era uma escolha mais apropriada, mas, para uma criança, o que é uma cobra coral perto de um leão? E é esse leão que desperta, quando em vez em mim, essa coisa abestalhada chamada torcedor.

#10

Torço pelo Sport Club Recife e priu. Nunca fui a campo, não sei quantos títulos ganhamos e decoro o nome de alguns jogadores por osmose. Acontece quando você decide defender uma bandeira, amig@. Não existe alheamento certo e — quando o clamor chama — eu tô lá gritando pro prédio todo ouvir que o meu leão fez um gol.

É nessa hora que eu amo futebol e isso pra mim, basta. ♣

06/08/12

DOUTOR PLÍNIO EVOCA O VÔO DE LÉVY

Por Fabio Liberal

Um amigo meu, Plínio, tornou-se doutor. Não em ciências humanas, como os meros mortais, mas em Física. Não fui à defesa dele. Tive receio de mergulhar numa incompreensão absoluta por muitas horas a fio. Diz a lenda que essas defesas nas Exatas podem varar a noite. A dele durou sete horas, me contou mais tarde.

Durante esse tempo, o cara explicou à banca como otimizar a busca por alguma coisa, seja por comida, pela chave que se perdeu ou por um meliante sumido. A explicação mais recorrente nesses estudos é referente aos movimentos dos animais na procura por comida. Plínio disse que a ideia base é extraída da teoria das probabilidades do matemático francês, Paul Pierre Lévy e tem a ver com vetores, movimento do pólen sobre a água, cálculo e um pouco de álgebra.

Deu-me o exemplo do trajeto de uma gaivota. “A ave pode fazer um percurso bastante específico, além de simplesmente curto ou longo. No fim, quanto mais comida se consegue em menos tempo e gastando menos energia, mais eficiente é a busca”. Plínio usou as gaivotas, mas na verdade pensou em futebol.

No dia de sua defesa, ele me revelou ter quebrado o protocolo, decidindo terminar os trabalhos com a narração de vetores traçados em 21 de junho no Estádio Azteca na Cidade do México. 108.000 foram testemunhas do fenômeno.

- “Após encontrar o futebolista Clodoaldo Santana, a bola entra em regime superdifusivo contornando três obstáculos granulares italianos passando ao limite contínuo através de um passo para o lateral esquerdo, Rivelino, que generaliza a equação mestra lançando-a ao furacão futebolista, vulgo Jairzinho,

#11

que cruza num vôo de Lévy para Pelé que a domina com seu raio de visão infinito executando o passo invariante de escala mais bonito de todos os tempos para que o chute de Carlos Alberto a impulsione ao regime balístico até as redes de Albertosi. É gol do Brasil!”

Dito isso, Plínio aguardou o parecer da banca julgadora. 6

09/08/12

JORNALISMO ESPORTIVO E A SÍNDROME DO PÂNICO

Por Rodrigo Édipo e Yuri Ribeiro

O feijão já tá cheirando... hoje é do preto. Uma, duas conchas. Quero mais uma. Arroz, bife acebolado e suco de acerola. Tudo na bandeja. Senta... “cuidado pra não derramar no sofá”. Ligo a TV, ouço sonoplastias, risadas, hilários constrangimentos.

Não me aguento. Cuspo o suco em cima do centro, enxugo a boca melada de farinha com a mão. Meu irmão, muito engraçado. Zé Ramalho? Igual, velho!

- Que risadagem é essa?
- É o Globo Esporte.
- Globo Esporte?

O noticiário esportivo tupiniquim aponta para um novo norte. A missão é fazer rir a todo custo. O jornalismo bullying ganha espaço na principal emissora do país e, obviamente, é copiado. A referência direta ao humorístico de Emílio Surita é declarada.

A ideia é desengessar o discurso e atingir não entendedores. Deixar mais solto, leve. Mais entretenimento. Mais entretenimento? E onde fica a apuração do fato, a investigação? O dedo na ferida ou o olhar diferente para uma boa história? Enfim, onde está o jornalismo?

Quem fez o gol? Todo mundo, menos o furão. Por onde anda Deivid? Inacreditável!

“Os gringos não entendem o estilo da nossa piada”. Não entendem as piadas? Então Loco Abreu só pode ser burro. Herrera, de certo, nem de música gosta. E Barcos é um amante latino mal amado.

Estúpidos, vão tomar no Cone Sul! Enchem os bolsos de platas com direito de imagem e não podemos tirar uma brincadeira? Ingratos.

Por falar em prata, a Vênus Platinada não dá o braço a torcer. Futebol é pra sorrir, cantar, dançar. Xô seriedade. Onde já se viu? Lúcio de Castro, Juca Kfourri, PVC, é apenas futebol, galera!

Pelo amor de Deus, Trajano! Dá um sorrisinho pra câmera, pelo menos. Saudade do Márcio Canuto e do Datena. Vida longa a Silvio Luiz! Humor e descontração na medida certa.

Hoje virou linha editorial, um ser superior [provavelmente muito esperto com números] estabeleceu uma nova ordem no jornalismo esportivo brasileiro.

Leifert é marionete. Carismático, logo mais estará no BBB substituindo o cansado Bial. Tadeu a mesma coisa. Apenas duas ferramentas. Mas não queremos sisudez de William Waack ou Boris Casoy. Evaristo & Sandra?

As risadas — lógico — são inevitáveis, mas...? O novo “jornalismo” esportivo da Globo entra em Pânico e tem deixado todo mundo vesgo.

Mas tudo bem, se a proposta é mesmo ser leve e bem humorado...
... que , pelo menos, Glenda nos salve dessa. ♣

21/09/12

A ARTE DO NÃO MOVIMENTO

Por Paulo de Oliveira

O futebol flana pela minha vida — permeando meus pisos com um gramado irregular e esburacado, seções de terra batida e paralelepípedos, ora com chinelos fazendo as vezes de traves, ora gravetos recolhidos na areia da praia, garagens com portões em formato sugestivo — desde, minha mais tenra memória alerta, os 7 anos.

Antes disso, o futebol é, para mim, tão somente uma foto borrada de um qualche chose. Considero, então, que perdi 7 anos da minha vida. Minha mãe — ah, minha mãe — foi, com todos os seus reveses e obsessões maternas, mui esperta. Justificava todas as duas negativas ao meu desejado aprendizado futebolístico com a esfarrapada, porém concisa, desculpa de que a natação me era mais adequada, naquela fase de pleno desenvolvimento infantil.

E lá estava eu, batendo braços e pernas dessincronizadamente, sem nenhum objetivo maior que não encher a cabeça de cloro e deixar meus olhos duros de tanta química ao final de cada sessão aquática. Enquanto isso, meus futuros adversários da vida acadêmica davam seus primeiros passos com uma bola à sua frente.

No instante em que o equilíbrio parecia firmar-se nas plantas dos meus pés, eu emulava patos e gansos e rãs, e os outros desenvolviam uma intimidade quase erótica com a pelota. O resultado disso refletiu-se ao longo dos anos seguintes. A bola e seus vaivéns, uma entidade completamente estranha para mim.

Reagi à falta de habilidade no controle praticando exaustivamente o chute, a precisão na batida da bola. Não foi o suficiente para me sobressair, mas foi algum suficiente. Sempre me fascinaram as parábolas longas, as curvas insinuantes, o serpentear das trajetórias perfeitas. A observação e a insistência até me permitem lançamentos longos de boa acuidade, mas que exigem campos maiores para uma melhor execução, o que não acontece.

Também não sou dos piores desarmadores, e, juntando isso tudo, me credenciaria a tornar-me um segundo volante contido, com insights de lateral-direito. Mas muito me perturba a falta de coordenação no drible. E eu sempre considereei essa particularidade do futebol muito mais estilística em seu executar do que necessariamente genial.

Pensava eu que era tudo uma combinação dos botões a se premir, ou de algum jogo de pernas malabarístico. Até que, jogando com uma maior regularidade nos últimos três anos, aprendi: mais que o movimento, o futebol, o drible, é arte do não-movimento.

O futebol como blefe. Não mais o gestual estático, mental ou até mesmo verbal dos jogos de cartas. O blefe que vai enquanto o outro fica. Uma dança ao contrário, antagonizando o baile, divergindo o encontro de pernas. Fazer menção de ir, não ir e talvez voltar para ir. E talvez não. Mirar um ponto apenas para dirigir o outro e executar direção distinta.

E tudo isso, toda a consagração do ato, feito no último instante, no ínfimo espaço, onde não há mais nada a fazer senão fazer. De cima, um tabuleiro de xadrez. Um passo em falso, cheque. Garrincha e o zagueiro sueco, pobre zagueiro sueco, naquele ritmo repelente. Garrincha maestro, orquestrando a dodecafonía das pernas, as notas fantasmas, os passos que faltam, o espaço no ar, o não-movimento.

Ao menos já terei uma lição para meu filho aspirante: o futebol é o que você faz sem a bola. ♣

O SANTOS DE NEYMAR ACABOU

Por Rafael Borges

Em agosto último o Santos anunciou que pretende renovar com Neymar por quatro anos. É compreensível que o clube queira mantê-lo, e bradar a vitória do seu projeto de formar um time em casa, em oposição aos modelos compradores dos ricos clubes europeus; e de formação de pé-de-obra para exportação, dos clubes brasileiros. É óbvio que o modelo venceu, mas como não existem estratégias vitoriosas para sempre, é preciso discutir se a permanência do jogador tem dado o retorno que o Santos precisa.

Graças à CBF, Neymar é hoje mais jogador da Seleção Brasileira do que do Santos. Graças à incompetência da entidade para organizar calendários em torno das competições que os times brasileiros disputam, e à sua ganância com a Seleção, que a faz jogar demais contra adversários irrelevantes. O principal jogador do Peixe tem estado longe, falta minutos de jogo, mas também convivência, envolvimento com os objetivos. E isso tende a piorar até a Copa de 14. Os problemas da CBF com calendário, contudo, não são novidade. O que surpreende é o mau futebol que o Santos tem jogado com Neymar em campo, mesmo quando ele joga bem.

O Santos tem hoje um elenco frágil, desorganizado. Se administrar é a arte de priorizar, a direção do Santos erra ao centrar os seus recursos em uma estrela solitária, e não formar um time à sua altura. O clube perdeu a empatia de Ganso, personagem importante na recente história de títulos e peça fundamental ao time, lhe pagando um salário dez vezes inferior ao de Neymar.

Ora, se o principal jogador recebe dez vezes mais, como não esperar que ele corra, passe, chute e faça gols, e muitas vezes mais que os outros atletas? É por isso que os demais jogadores — nas palavras do próprio Neymar — olham ele jogar.

O comando do time imputa a ele essa responsabilidade. Desde a saída de Ganso, o meia do time tem sido Felipe Anderson, jovem que vive às turras com Muricy Ramalho. Muricy, ele próprio, é um ponto a ser discutido dentro

da filosofia do Santos, porque não é um técnico que goste de trabalhar com um elenco jovem.

Por fim, o clube não tem conseguido capitalizar com a presença de Neymar. Em parte porque ele é muito caro, em parte porque o mercado de anunciantes brasileiro é amador. Vide o atleticano BMG e a tricolor Unimed, fontes oficiosas de dinheiro para seus clubes, mais por paixão clubística do que por interesse capitalista.

O Santos exagera ao manter Neymar até hoje, a peso de um ouro que tem lhe feito falta. Um jogador que tem estado demasiadamente ausente, refém de um time que, por estar aquém da sua estrela, não o permite render na sua plenitude, e sempre acusa forte o golpe da sua ausência. Como dizia Steve Jobs, a morte é o elemento que varre o velho para dar lugar ao novo.

Ainda que o fim da Era Neymar seja triste, é o único movimento capaz de assegurar a longevidade da vitoriosa filosofia de trabalho do Santos, pois lhe permitirá lançar novos valores dentro de um time forte, competitivo. Condição fundamental ao amadurecimento de jovens atletas. ♣

O ADEUS À SEGUNDA CASA

Por Yuri Ribeiro

Antes mesmo de começar a gostar de futebol, normalmente já temos um time. Sem que nem saibamos, temos. Nossos pais, tios e afins logo se preocupam em nos cobrir com o manto do clube do coração e a escolha já foi feita antes mesmo da primeira golfada. O próximo passo, depois de começar a andar, é ir ao estádio e conhecer de perto esse clube escolhido. Você não se dá conta, mas aquela será a sua segunda casa.

A família pode resolver mudar de residência inúmeras vezes, mas aquele lugar continua lá, no mesmo cantinho de sempre. É para lá que você continua indo toda semana, não apenas para torcer, mas para viver aquele ambiente tão sagrado, que só quem torce é capaz de entender. É como entrar num templo e encontrar o seu Deus. Mesmo que muitas vezes saia puto da vida de lá.

É no estádio onde você começa a sentir suas primeiras emoções. Antes mesmo de dar em cima – e levar um fora – da menininha bonitinha da escola, já conheceu a tristeza de perto, com uma derrota do seu time. Sentou na arquibancada desejando que ela desabasse e toda a dor fosse embora junto com os pedaços de concreto.

Mas é também o lugar onde se viveu boa parte das grandes alegrias que o mundo pode oferecer. Vitórias inesquecíveis, títulos que até hoje engrandecem o clube. Tantos abraços em desconhecidos, cervejas tomadas com amigos, xingamentos que entranham até hoje as arquibancadas. Não tem residência certa, isso sim é que deve ser chamado de lar doce lar. Pelo menos até o dia da demolição.

Um dia, para o bem do clube, diga-se, esse estádio, sua segunda casa, o ponto de encontro com os amigos torcedores, vem abaixo. Chegou a hora de renovar, construir arena, se modernizar. É necessário, fato. Mas não tem como não lamentar apenas de imaginar aquele lugar se transformando em poeira em alguns segundos.

#15

Vai muito mais do que concreto para o chão. Vai um monumento, cheio de histórias, que ficarão limitados apenas a registros. É inevitável não chorar. Dos mais velhos, que tanto viveram histórias ali, aos mais novos que nem levaram o fora da menina na escola ainda.

Eu, como torcedor, entendo o que deve ter sido para a torcida do Grêmio se despedir do Olímpico ontem. Ao final do jogo, todos tentavam levar o que desse como recordação. Cadeiras quebradas, pedaços de concreto. Tudo que fosse possível para ter a lembrança de ter sentado naquele estádio um dia.

A renovação vem, mas o amor e apego ao estádio jamais irão embora. Aquela será sempre a segunda casa. Pelo menos na memória. ♣

03/12/12

MESSI, O GAROTO-ESTATÍSTICA

Por Paulo de Oliveira

A cada recorde quebrado, a cada estripulia realizada, a cada graça alcançada e a cada feito desbloqueado, Messi – sempre ele – inflama uma nova discussão. Aquela mesma de sem-pre, que analisa os mesmos contextos técnicos-históricos do futebol e culmina na questão mais imbecil da atualidade: quem é o melhor, Messi ou Pelé?

Muito me lembra os crossovers Marvel versus DC. Super-Homem ou Wolverine? Aquaman ou Coisa? Flash ou Hulk? Mas não sou da ala que crê que isso é tudo incomparável porque cada um é o melhor do seu tempo [ou editora]. Imbecilidade é pensar assim. Messi já é o melhor da história desde uns dois anos atrás, só você não viu. Mas não viu porque os peledinos insurgentes estão sempre querendo jogar água no cuscuz do argentino.

Penso cá comigo se Messi não seria apenas um conjunto de números, ruído estatístico. Que não importa o que ele faz para produzir esses números, trata-se apenas de código escanteado em alguma linguagem de programação. Messi quebra o recorde de gols marcados em uma só temporada, outrora pertencente a Gerd Müller, no distante 1972. “Mas ele jogou mais vezes que o alemão!” Sim, jogou.

Assim como o alemão marcou 12 gols apenas na Copa da Liga do país, que, convenhamos, é um torneio que conta com a participação de equipes amadoras. Mas isso é um detalhe, certo? É como comparar Bayer Leverkusen com XV de Jaú, por exemplo. Assim como também é só um detalhe o fato de Messi ainda ter mais 4 jogos até o fim do ano, o que possivelmente acarretará a transposição da marca dos 90 gols. Oficiais, seu Edson, oficiais.

“Mas... mas... com esse time do Barcelona, é muito fácil fazer gols!” Deve ser. Você ter passadores como Xavi e Iniesta deve tornar o trabalho de marcar muito mais agradável. Assim como ter um passador como Messi também deve alavancar a carreira de muito atacante por aí, já que ele passou das 30 assistências no ano. Se a comparação for com Pelé, é sempre bom lembrar que

nem todos os gols do Rei foram marcados com ele pegando a bola da defesa e driblando todo o time adversário até entrar com bola e tudo na meta oposta. Pelé também tinha bons garçons.

Se o problema for com Cristiano Ronaldo, lembremos que ele joga no galáctico Real Madrid, ao lado de peças do calibre de um Ozil, Kaká, Di Maria, Xabi Alonso, Modric. Também deveria estar bem servido. E ele simplesmente não consegue superar o argentino, apesar de seu preparo físico que o torna um Drago perto do rockyniano Messi. Talento é de berço, não se adquire.

Cheguei ao cúmulo de ler o seguinte comentário: “mas Cristiano Ronaldo tem muito mais recursos que Messi, que só sabe fazer gol assim, cortando pra dentro e batendo de fora da área. Isso não é futebol!” De fato, já vi vídeos do português aprontando suas mungangas. A maior parte delas, sem objetividade nenhuma, mero reflexo do caráter envaidecido desse projeto de craque. Mas vê-se que tem um repertório considerável.

Porém, se Messi sempre faz seus gols do mesmo jeito, se seu drible e estilo de jogo não mudam, por que caralhos ninguém consegue pará-lo?

Alguém está fazendo isso errado, não? E se o que Messi joga não é futebol, Ronaldo está perdendo seu tempo, quando poderia estar barbarizando nos torneios de freestyle ou conseguindo espaço numa nova versão do footbag do saudoso Jogos de Verão.

Na Argentina, porém, Messi ainda não é endeusado como Maradona. Futebolisticamente, o último já ficou para trás. Mas o simbolismo de uma Copa do Mundo conquistada a partir da maior malandragem já registrada no esporte ainda pesa para ele. Maradona não só levou a Argentina à final de 86 com dois gols antológicos, mas bateu justamente a Inglaterra. Era o troco político conquistado em campo. Tão valoroso quanto 1 peso em Londres. Mas era o revide em forma de orgulho. Perderam as Malvinas, mas eliminaram a Inglaterra na Copa. A vitória na final foi só um detalhe.

Maradona já era Deus.

Talvez se a Argentina vencer a próxima final no Maracanã, Messi se equipare ao Pibe. Se a final for contra o Brasil, bem...

acho que até Maradona abre mão de seu cargo celestial. Mas ainda não será o suficiente para o exigente torcedor brasileiro, que afirmará que ainda faltarão mais duas Copas para que ele se iguale a Pelé.

É o orgulho ufanista nacional, que se agarra como pode a conquistas seculares para assegurar o título de maior jogador da história a um brasileiro cujo principal trunfo era um preparo físico naturalmente superior para a época. Quem já viu Pelé arrancando em velocidade sabe que ele o fazia num esquema balança-mas-não-cai. Mas passou dos mil gols. Tudo bem que quase metade deles não são oficiais. O que importa é que essa honraria, de ser o melhor da história, não caia nas mãos de um Argentino. Até porque, para eles, mão é gol.

Comparo, sim, independente da época. Não dá para ignorar o fato de que Pelé jogou no tempo do cachorro amarrado com linguça. Esquemas com apenas dois defensores, zaguei ros pançudos e sem o menor molejo. Era mais fácil, isso é inegável. Mas havia o preparo físico anormal dele. Tanto que, se quisesse, ainda poderia jogar uma pelada inteira hoje sem maiores problemas. Pelé não envelhece, simplesmente.

Messi, por outro lado, enfrenta esquemas de pura retranca, zagueiros qualificados, marcação mais apertada. E, ainda assim, ninguém parece ter encontrado a fórmula para detê-lo. Ele nem sequer se machuca. O que Messi faz parece impossível para um jogador com menos de 1.70m no futebol de hoje. Mas ele teima e faz. Enche os olhos, torna-nos incrédulos.

E a cada ano vai ficando mais e mais implacável. E sua distância para os jogadores humanos, só aumentando. Messi não pode. Não existe. É uma falha da criação.

Messi é um bug, nada mais. ☹

{ ‘ }